

Editorial**Buscar o essencial para viver o real...**

Quem é o velho? O que sente? O que pensa? O que quer? Qual a melhor maneira de envelhecer? Com estas questões iniciamos a edição 46 da **Revista Portal de Divulgação**, cujos 5 anos celebramos. No editorial de boas vindas, da primeira edição, em agosto de 2010, apresentamos o propósito de iniciar uma publicação diferenciada, parte do *Portal do Envelhecimento*, que pudesse ser:

Um espaço virtual destinado à divulgação sobre o que se está pensando, fazendo e pesquisando sobre o envelhecimento, a velhice e a longevidade, a fim de que nossa sociedade fique mais informada e se prepare para melhor viver esta etapa da existência humana, sempre na perspectiva do ser que envelhece. Como seu caráter é de divulgação, seus artigos são mais simples, curtos e de maior entendimento à população em geral. Pretende ser um ótimo veículo de comunicação e dar voz às práticas sociais e pesquisas, sem a aridez das revistas tecnicocientíficas¹.

¹ <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/issue/view/4>

Seguimos com ânimo o caminho, que se concretiza a cada edição e se mostra promissor, respeitando os objetivos iniciais, com diferentes publicações, de (in) formar o público amplo nas questões que envolvem o processo de envelhecimento.

Na presente edição trazemos artigos científicos, reflexões e um dossiê que abordam diferentes aspectos do longeviver bem como diferentes expressões dos nossos colaboradores, sejam eles mais experientes ou os que se iniciam na área gerontológica e se aventuram na desafiadora tarefa da escrita.

As questões que abrem o editorial foram extraídas do artigo *A Psicologia das Derradeiras Fases da Vida*, no qual o autor, de maneira ampla e didática, nos toma pela mão e guia na busca de compreensão dessa caminhada humana, que como afirma Arthur Schopenhauer (2012),² em citação extraída do mesmo artigo:

Ainda que envelheçamos muito, em nosso íntimo sentimo-nos exatamente os mesmos que éramos na juventude, ou melhor, na infância. Isso que permanece inalterado, sempre igual e que não envelhece com o passar do tempo é o cerne de nossa essência, que não reside no tempo e, justamente por essa razão, é indestrutível.

Somos os mesmos na essência, por mais que nossa aparência desminta esta “verdade interior”. O envelhecimento, cujas várias etapas são desveladas no artigo é único, um sistema complexo biopsicossocial, não se deve generalizar. Podemos ter uma aparência “jovial” e termos problemas de saúde preocupantes, ou estarmos com alguma fragilidade e, mesmo assim, sentirmos forte energia vital. Quando a fragilidade maior se instala é preciso apoio cuidadoso e atenção constante, sem esquecer que somos mais que um corpo físico, e temos em nós a essência que permanece, mesmo em meio a dores e sofrimentos.

Mas, nessa etapa, quem cuida? Como cuida? Qual suporte recebe? Como se percebe? A consciência da essência de cada ser, na diversidade e subjetividade, não deveria ser um ponto de partida para pesquisas e reflexões sobre o ciclo vital? Como afirma Morin (1997) guardamos em nós todas as idades da vida e nelas, a cada fase, a essência permanece, pois “cada um de nós, com a idade, conservou as idades precedentes”³.

Sob esta luz sugerimos a leitura dos artigos desta edição, que nos mostram um panorama amplo do envelhecimento, buscando em cada um o traço da “essência indestrutível”, uma análise mais filosófica do processo de vida, como convida Schopenhauer.

Nos resultados da pesquisa *Qualidade de vida dos cuidadores de idosos físicos dependentes: um estudo de enfermagem*, os autores refletem sobre as

² Em “A arte de envelhecer. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 61.

³ Morin, E. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 254.

decorrências da investigação realizada em uma área da Estratégia Saúde da Família, na cidade de Teresina-PI, envolvendo 10 cuidadores familiares, que indicaram que esses indivíduos tinham uma percepção mediana – nem muito boa, nem de todo má, em relação a sua qualidade de vida e percepção de saúde.

Sabemos do desgaste proveniente do cuidar cotidiano de idosos muito frágeis, que necessitam suporte familiar e profissional e, de como o equilíbrio e disposição destes influencia a qualidade de vida daquele. Mas, quem cuida do cuidador? Como prevenir o *stress* que sofrem nas suas tarefas cotidianas? Esta é uma questão fundamental nos estudos sobre longevidade e fragilidade, e que impactam a vida de cuidadores e cuidados, problema cujas respostas, nos programas governamentais, se apresentam ainda muito tímidas. Assim, os autores do estudo alertam para a necessidade da sua ampliação, devido a importância do tema para uma ação gerontológica mais adequada e eficaz.

As questões iniciais Quem é o velho? O que sente? O que pensa? O que quer? Qual a melhor maneira de envelhecer? deveriam basear a preparação de todos para essa fase da vida, pois a consciência que podemos ter como indivíduos do processo natural de envelhecimento colabora no enfrentamento das fragilidades que, gradativamente, se instalam. Fundamental a formação e assistência aos cuidadores, profissionais ou familiares, nessa tarefa – com certeza papel de muitos que nos leem.

Como podemos nos preparar para a velhice valorizando essa marca indestrutível que o tempo não apaga? Quais as estratégias possíveis? São muitas as possibilidades apontadas por diferentes estudos: prevenção e manutenção de hábitos de vida saudáveis, convivência social com familiares e amigos, mas, especialmente, refletir sobre a própria vida e trajetória valorizando as marcas das experiências vividas, armazenadas pela memória social, mapa de identificação e localização. Quem somos? Por que “marcamos presença” nos lugares físicos e sociais? As respostas para as questões iniciais encontram aqui uma perspectiva: buscar a essência na e da experiência – não o que se passa, mas o que nos passa...

Muitos afirmam que o processo de relembrar a trajetória não é bom, pelos sofrimentos vividos, outros apreciam essa tarefa e revivem, pela narrativa, momentos bons ou maus com intensidade, o passado no presente. Nossa experiência indica que o trabalho autobiográfico com idosos ou profissionais é benéfico, na medida em que pela fala, escuta e partilha, é possível reequilibrar as emoções e os significados do vivido. Esta é a perspectiva do artigo *A Vida no Cinema: Narrativas Cruzadas* que apresenta os resultados de pesquisa que propôs a diferentes grupos de idosos “reflexões sobre a vida”, na perspectiva existencial, por meio do cine-debate, texto do qual destacamos um trecho.

As narrativas de vida, tradicionalmente formativas, passaram ao escopo de saberes de senso comum e as palavras dos *insiders* da cultura, especialmente idosos, suas narrativas do vivido, questões de sentidos, desejos, perspectivas, fundamentais na constituição

como sujeitos, não encontram espaço de troca, reconfiguração e reconhecimentos. Os filmes, intermediários na reflexão e aprendizagem criativa, formatam o pluralismo de imagens / imaginário dos desejos silenciados, entrecruzando narrativas fílmicas e pessoais, espelho do vivido.

São muitos os desafios do viver - envelhecer e, a cada momento, somos confrontados com novas experiências e necessidades. Se uma reflexão sobre a vida em sua essência é importante, para nos situarmos no tempo e espaço que vivemos e contribuir para prevenção e manutenção do equilíbrio emocional, igualmente é, em outra fase, a perspectiva do cuidado amplo, como já observado.

No contexto de cuidados e políticas públicas apresentamos a reflexão *A Epopeia das Fraldas*, no qual a autora apresenta e questiona, a partir de sua prática profissional, a distribuição de fraldas pelo SUS, para idosos com alto grau de vulnerabilidade, aliada a sua péssima qualidade, que causa “assaduras, dermatites de contato, alteração do PH Urinário e infecções urinárias de repetição, sendo que esta última pode ocasionar cálculos renais”. Outro sério problema a ser equacionado.

Observamos por meio dos temas até aqui abordados, e suas problemáticas, as muitas faces do processo de envelhecimento e as diferentes necessidades decorrentes em cada estágio. Assim, consideramos fundamental um trabalho de conscientização sobre o ciclo vital, que envolva a todos, incluindo os setores públicos que devem assistir aos idosos, em suas diversidades, aliado a formação de base e continuada dos profissionais da área gerontológica.

Como sensibilizar e despertar em jovens estudantes o interesse pela área? As mídias apresentam uma diversidade de olhares com imagens que, muitas vezes, induzem a visões estereotipadas e estigmatizantes da velhice, o que nos impele a abertura de reflexão e discussão orientada. Assim, ressaltamos a importância e pertinência do *Dossiê – Envelhecimento e Mídias*, no qual são apresentados textos iniciais de estudantes de psicologia da disciplina eletiva “*A concepção de saúde-doença da velhice pelas mídias*”. Essa tarefa ofereceu um duplo desafio: debruçar-se sobre um tema com apelo reduzido, pesquisar e escrever um pequeno artigo, obedecendo a normas mínimas para publicação - exercício exigente que desafia mesmo profissionais mais experientes.

Convidamos para essa leitura variada e ampla dos artigos que se oferecem nesta edição que buscou, como nas anteriores, um ponto de apoio para refletir e agir em prol de uma sociedade mais harmoniosa e justa para todos os cidadãos, marca da cultura da longevidade que desejamos real. Continuamos assim seguindo os princípios estabelecidos em Agosto de 2010, base do que acreditamos e pelos quais trabalhamos.

Boa Leitura!
Beltrina Côrte e Vera Brandão
Editoras